

O Sardão

Antonio Figueiredo Carvalho (o Roxo)

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA D. ANTONIO BARROSO

Composição e impressão

TYP. MINERVA-FAM ALICÃO

Publica-se nos dias em que sahir

FOLHA ILLUSTRADA COM ASPIRAÇÕES A HUMORISTICA

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA

Redactores: Riffenho, Pepino, Fabião, Cagalhufas, Melias e Nabuco

2.º Anno

Barcellos, Maio de 1911

N.º 13

O nosso director

Expomos hoje á veneração dos fieis leitores do *Sardão*, a imagem d'aquelle que, ha pouco tempo ainda, tão nobre e altivamente assumiu a direcção d'este modesto jornal. E' elle o sr. Antonio Figueiredo de Carvalho (o Roxo), o heroico bravo vinte e tres que, poucos dias antes de ser proclamada a Republica, fez no Bussaco a guarda de honra ao nosso muito querido e sempre chorado Manuelsinho numero dois.

Dá a sua vida um bello assumpto para um calendario historico, do que nos abstemos, para que não digam que queremos parodiar *O Primeiro de Janeiro*, não deixando comtudo de aqui narrar os principaes factos da sua vida, embora estejâmos certos de que com isso vamos ferir a sua illimitada modestia.

Que s. ex.ª nos desculpe.

Nos seus tempos saudosos de rapaz deu ecco em Barcellos pelas suas diabruras e partidas, notando-se-lhe já a propensão para o militarismo, organisando, com outros da sua idade, tropas que, pelo seu cadencioso rufar de caixas, cuidadosamente escolhidas atrás da praça e retiradas caritativamente do lixo, eram o enlevamento e a dilicia da rapaziada barcelense.

Conhecemol-o depois já com o bigode a apontar, empregado na loja do sr. Aurelio Ramos, fugindo sempre que podia, para ir comprar dez reis de trigo ao Baptista, que devorava em menos de cinco minutos, fortalecendo assim

o seu organismo e desafiando d'esta fórma qualquer debilidade que por qualquer abuso o podesse invadiar. Bons tempos!

Sentou praça em artilheria e foi por isso obrigado a ausentar-se para a capital, onde se demo-



rou bastante tempo, talvez contra a sua vontade, terminando a sua heroica carreira militar por entrar em combate no 5 de outubro e ter o arrojo e a coragem de hastear a bandeira republicana no forte de S. Julião da Barra. Bravo!

Como *sportman* não ha quem lhe chegue, pois tanto em natação, como em equitação, como no *foot baal*, como na decilitração d'um bom *brancoso*, etc. etc., é o que se diz um catita. Possui um fato de banho coberto de medallhas, que elle tem conquistado ás meadas do arame e que dão um effeito surprehendente.

Já fez duas duzias de annos e conta com fazer muitas mais.

Esteve já para ser preso, porque n'uma das peregrinações, que houve n'esses saudosos tempos de religião, que se dirigiam á Franqueira, quiz montar uma cavalgadura que não lhe pertencia.

Como marinheiro conquistou já o posto de almirante e é bem conhecido em todos os portos, nacionaes e estrangeiros, por *Almirante Rôxo*. A um dos grandes cruzadores que sulcam as aguas do Cavado já foi dado este nome.

Em questão de passeios pedestres não ha quem lhe chegue, pois já entrou n'um de Lisboa a Cascaes, em que as suas respeitaveis palhetas se exercitaram percorrendo 12 leguas desde as 3 da manhã ás 12 da noite.

No tempo do liberal João Franco foi n'uma diligencia para Oeiras, onde houve muito vasta pancadaria, tendo então o prazer de molhar a sua sôpa sem responsabilidades de qualidade alguma. Assim é que é!

Emfim poderíamos escrever uma historia *rôxa*, porque a biographia do nosso illustre director dá assumpto para muitas paginas em typo miudo, com indice e tudo.

Eil-o pois ahi estampado, envergando a farda de militar, parecendo dizer:

Eu sou aquelle grande e enorme cabo...

e prompto a atirar com a cadeira que tem na mão á cabeça de quem d'isto ouse duvidar ou ria como quem faz chuchaceira.

Ahi fica a nossa homenagem ao illustre e valioso director do *Sardão*.

A Redacção.

CORISCOS

Não haja duvidas

Depois da carta do dr. Joaquim Paes, no «Radical», haverá ainda por ahí alguém que duvide das suas convicções monarchicas?

Se ha que o diga, porque o «Sardão» está na disposição de offerecer a s. exc.^a as suas columnas para mais uma vez declarar: «se *intermediario* fui, desempenhei esse papel ao serviço, talvez, da «Electra», mas nunca ao da commissão municipal, o que era de resto impossivel dadas as *minhas convicções monarchicas, que todos conhecem por demais*».

Haverá ainda quem duvide?

E levanta-se um padeiro á meia noite...

A Dynastia dos Rochinhas

Barcellos, uma pequena parte do velho Portugal monarchico e uma grande parcella do nova Lusitania republicana, está sujeita, como esteve o paiz, ao jugo dominador do estrangeiro.

Sessenta annos sob o mando despotico dos Philippes, heroicamente sacudidos em 1640, deviam ter deixado bem gravados no espirito de todo o portuguez sincero, a aversão e o horror á tutela estranha, com a cautela precisa para que não mais possesse humilhar-nos, com o despotismo do mando, qualquer safardana que se propuzesse governar-nos.

Não tem assim succedido a esta ridente villa, cujos filhos, na sua ingenuidade, teem admittido, sem um prévio exame, toda a auctoritaria sorte de desatinos que só á força de muitos trabalhos teem conseguido evitar, travando lucta titanica contra as mais desconexas opiniões e fórmas de vêr disparatadas.

A dynastia dos Rochinhas, em Barcellos, parece não ter fim, e se um é deposto outro logo apparece a querer occupar o throno. Tem-lhe causado isto disequilibrios lamentaveis e desgostos que, apesar de tudo, são o goso de muito feliz que com capitaes a bom juro se ri e cuida apenas do patriotismo abdominal e da republica confortavel da sua casa. Outros que com isto rejubilam são os fieis vassallos do sr. D. Miguel e os limpabotas do Manoel Bragança (iamos a dizer João), cuja falta estão sentindo, com a leveza das suas algibeiras, esperando sempre ensejo para restaurar a monarchia assaltante do *venha a nós e buscanda* entrada aos santinhos que á sombra da cruz torceram cerebros e perverteram consciencias.

Mas, para que tantas divagações? O que lá vae, lá vae! Vamos á dynastia dos Rochinhas.

O reinado de sua magestade *Rochinha I* ficou assignalado nos annaes da historia com o movimento revolucionario para a sua deposição.

Não fez, como o ultimo Bragança, uma fuga vergonhosa, mas teve a heroicidade de se pôr á frente das tropas até que fal-

tando-lhe a escora penaceia do sr. Beirão e sendo vencido nas memoraveis batalhas de S. José, foi cumprir a pena imposta de alguns annos de degredo na Braccara Augusta dos Arcebispos.

Este primeiro dynasta soube impôr-se pela sua astucia e vontade de ferro.

O monarcha *Rochinha II* surgiu-nos com a republica e, se o seu antecessor era intelligente e manhoso, este foi estúpido e vingativo. A sua deposição foi muito trabalhosa tambem, não sendo felizmente preciso pegar em armas nem consumir polvora, mas fazendo romper muita penna, gastar muita tinta e muita folha de papel de officio, por ter sido tratado este assumpto pelas vias diplomaticas. Neste tempo encarceraram em Braga as frigdeiras e augmentou a receita nas linhas do Minho e Douro.

Não fez, como Caligula, o seu cavallo imperador, porque o não tinha, mas obrigou alguns jornalistas a irem fazer reportagem á unica torre existente das antigas muralhas da villa.

Conseguida a sua queda foi, como o primeiro, condemnado a desterro nas proximidades da Falperra, Sameiro, etc., sob a guarda do primaz das Hespanhas e dos judeus do parque do Bom Jesus que nunca, depois de morto, foi mau.

Quando se tratava de restabelecer o socego entre os povos alarmados e tudo caía no bom caminho da vida, eis que nos apparece então o *Rochinha III* a querer conquistar, á viva força e a imposições *severinaceas*, um throno em cujo logar só era licito sentar-se um honrado e digno filho de Barcellos ou pessoa que aos barcellenses merecesse a maxima confiança e consideração. Veio pois mais esse, mas a defeza foi rija e o homem vencido e desanimado fugiu, jurando vingança para a qual devemos estar prevenidos.

Não chegou, pois, este a reinar, mas não obistou isso a alguns trabalhos e insultos dirigidos pelo pretendente, cuja conducta bem doixou provada a sua desmedida ambição e pouca lisura de character.

Não teve desterro porque fugiu e é provavel que nos appareça por ahí em qual-quer manhã de nevoeiro.

E agora, barcellenses amigos, cautela, muita cautela, para que se não prolongue a dynastia dos Rochinhas que é preciso extinguir d'uma vez.

Que não nos appareça o *Rochinha IV*, é o voto que faz e o que deseja o humilde rabiscador d'estas linhas que o «Sardão», o traiçoeiro «Sardão» a dar com rabinho, tanto gosta de publicar.

Duas palavras muito a serio

Tendo nós no numero passado do *Sardão*, feito algumas considerações sobre um determinado assumpto que deu occasião a divergentes opiniões, e como tivéssemos em nosso poder fortes e poderosos argumentos com que poderíamos demonstrar a veracidade de tudo quanto ahí allegavamos, tratamos immidia-

tamente—no cumprimento de um dever d'honra—de organizar a precisa resposta, embora soubessemos de sobra que iamos travar lucta titanica, com meia duzia de ignaros e inconscientes cerebros, dos quaes, sem duvida, não esperavamos resposta por intermedio da imprensa, visto as suas deficientissimas posses intellectuaes.

No momento propicio, porém, apparece-nos um nosso amigo e diz-nos, que tinha grande empenho em que nada mais dissessemos do alludido assumpto, visto que alguém dos que se julgaram attingidos tal lhe tinha implorado.

Após trocadas varias impressões sobre o litigio aqui em questão, resolvemos quasi por completo não mais tocarmos no melindroso caso, mas unica e exclusivamente, por deferencia para com aquelle nosso sincero e dedicado amigo.

Esta abstenção não nos inibe, porque somos autonomos e imposições não acceitamos seja de quem fôr,—e mesmo tal compromisso não tomaríamos nunca,—de dizermos clara e altivamente, de que se assim procedemos, não é por medo nem receio algum d'essas desconexas phrases d'hostilidade, que se evolam como a mais leve penna d'ave indo cair no montão das coisas inuteis, e d'essa meia duzia de insignificantes bonifrates que na sombra—notem bem—só na sombra escondendo de rastos como a mais reles e traiçoeira vibora essa coisa tão preciosa que se chama vida, apregoam suas prosápias e balôfas valentias.

São timidos e mesquinhos desabafos a que não ligamos attenção, por estarmos muito acima de tudo isso, e que só traduzem com exactidão a bronca, crassa e rude ignorancia de quem os profere.

Se aquellas offensas que nos attribuem foram grandes e quasi inqualificaveis para os inquisitoriaes *amigos*, embora que para nós e para a sociedade imparcial e bem pensante, não fossem, sem duvida, mais que a paga sincera e justa, a retribuição recta e leal, a desaffronta—sem exaggero—que mereciam, pelas notórias, parciaes, vis ameaças e provocações, que nos reconditos escaninhos das lojas, á laia de jesuita, em conversas intimas nos dirigiam, muito anteriormente á talhada carapuça, que tão bem souberam *enterrar sem «offensa»*, tinham dois campos dignos e pondunorosos a seguir: ou processando-nos conforme lhes é facultado por meio do art.º 33.º e seus §§ da lei de Imprensa de 31 de outubro de 1911 e notificação nos termos dos artigos 645 e 649 do Código do Processo Civil, ou então desaffrontando-se pessoalmente, o que lhes era, talvez, mais facil, tendo em attenção as suas *herculeas* contrucções phisicas, as provas de murro tiradas nas passadas festas de Cruzes, no dynamómetro, a sua plastica, a sensualidade e *mais coisas lindas que eu não quero contar*.

Nada se viu; nem uma nem outra coisa fizeram.

E para terminar, e não perdermos tempo, papel e tinta,—*generos* que nos são tão preciosos—em mais divagações,

pedimos-lhes que publiquem os taes *anexins*, producção inédita d'um cerebro sem luz nem instrucção, emquanto nós lhes dizemos que a critica é e sempre foi livre, e que segundo o pensar do grande *Stuart Mill*, estamos em muito melhor campo, porque elle diz:—«quando toda a especie humana, menos um só homem, tivesse a mesma opinião, e esse homem fosse de opinião contraria; a humanidade não terá o direito de impôr silencio a essa pessoa, como essa pessoa não teria direito, se podesse, de impôr silencio á humanidade. E está tudo dito.

UM PEZADELLO E UMA DESCOBERTA

A horas mortas da noite dormia e sonhava certo doutor no seu confortavel leito, vendo ante si o «Diario do Governo» com o seu despacho, quando o sino da cadeia sinistramente annunciou incendio. Acordou sobresaltado, sentou-se na cama, esfregou os olhos para ouvir melhor, enfiou as calças e eil-o na rua em direcção ao local do sinistro, padaria em cuja cosinha se havia manifestado incendio. Entrou levando encontros de bombeiros e de populares que levavam agua. Sobre umas mezas cobertas por trapos immundos havia já bastantes pães cosidos. Um medico acabava de entrar n'aquelle instante. O nosso homem olhou horrorisado para tudo aquillo, contemplou os pães, agarrou nervoso no braço do medico, e apontando-os exclamou: doutor, doutor, o mal do meu figado, o veneno do meu figado!

Tinha razão. Era freguez de tão aceiada padaria.

Não ha nada como um incendio para descobrir doenças...

* * *

Ao nosso amigo sr. dr. Gonçalo d'Araujo os nossos parabens por ter sido nomeado official do registo civil para esta villa.

Exame

Fêl-o para chauffeur, na vizinha capital, o nosso respeitabilissimo amigo e collega (*in nomine*) d'«O Radical» ex.^{mo} sr. João de Casto, muito digno correspondente, n'esta villa, dos jornaes «A Republica», «Capital», «Intransigente», «Mundo», «Seculo», «Diario da Tarde», «Lucta», «Porto», «Primeiro de Janeiro», «Noticias», «Herlado», «Vanguardia», «Gazeta de Colonia», «Damião de Goes», «Caixeiro do Norte», «Pimpão», «Pardal» e muitos outros que estão ainda para vir á luz da publicidade.

Ao acto, que foi muito concorrido, assistiram, além, d'um grande numero de amigos, representantes da conhecida casa *Berliet* e outras mais terminadas em et, como *Braganciet*, et.

Após concluido o exame que, segundo nos consta, versou sobre *rotatibilidade plastica do arco-iris em dia de sol*, foi-lhe entregue pelo monsenhor Pápuss, em nome da

Associação dos Corretores d'Hoteis, de Braga, umas magnificas luvas de pêllo de javardo, forradas de assetinada serapilheira da celeste côr do... *respigando*...

Tambem da confraria da Senhora de Guadalupe recebeu o nosso *grand-homme* uns bentinhos, em plano relevo, com a cataracta do Niagára, acompanhados d'uma bella dedicatoria em optimo papelão, salientando-se a formosa orthographia sonica estylo approximadamente ao adoptado pelo genuino extra-partidario.

Sua ex.^a foi muito felicitado por todos os seus collegas nacionaes e estrangeiros, tendo o jury palavras de sympathia para com o novel examinando que, mais uma vez, como sempre, mostrou a sua erudita competencia e inegualavel aptidão para a *mechanica irracional*.

Finalmente, associando-nos como é nosso dever ás honrosas referencias feitas pela imprensa bracarense, congratulamo-nos ter de registar no numero d'aquelles que se tornam celebres pelos seus feitos heroicos e valorisam o bom nome e reputação d'esta patria que lhe deu a *borda*.

Muzeu

- A *labila* nova do Antas.
- A *cauda* de rafia do Humberto,
- O *espelho fixo* do mesmo senhor.
- A loja do cometa.
- O *alfobre de pecegueiros* junto ao Cemiterio
- A *maca réclame* cinematographica.
- O *pernas d'arrocho*.
- O *reposteiro marroquino* do Antoniuho Procurador
- O *papagio do Martinho*.
- O *cordão d dandy* do Mano Manoel.
- As medrosas fanfarronadas do Mano João
- O *côco moderno* do Dr. Gonçalo.
- O *badalo* do sino do David.
- O *lôdo de conserva* do sr. Costa.
- A *flauta* do Sapato.
- A *Escrava Branca*.

SILHUETA

Quem é que leva a vida
Inventado bellas tretas
E pregando grandes pêtas
A quem com elle mais lida ?

Brilhantes iniciativas!

Começamos já com grande exito as importantes entrevistas do «Radical», herança legada em vida—com reserva do usufructo—pelo «Barcellos-Revista», aquelle nosso muito sabio, limpo e erudito collega.

Brevemente será annunciada tambem nas columnas do mesmo periodico a elevação da estação do caminho de ferro a 1.^a classe, seguindo-se a fundação d'uma cantina escolar, cujos beneficios serão incontestaveis.

Tudo isto para dar cumprimento ao legado a que acima nos referimos.

As nossas cordeaes felicitações.

Rebate falso

Ha dias, o Pedro dos jornaes, com a sua voz *desmembrada* pelo muito apregoar, gritava com toda a força dos seus *substanciaes*—termo d'um Candido não Figueiredo cá da terra—pulmões: Olha o Janeiro, cá está o Noticias, etc., etc.

Como, porém, estranhassemos aquelle modo de apregoar tão differente dos outros dias, logo suppozemos haver noticias cá da princêza; e então, puxando d'uma henriquina, compramos o Janeiro, por não haver o Maio

Apenas abrimos o referido periodico, e deparamos com esta noticia, ao fundo da 2.^a pagina:

«*Fugido das obras publicas*—De Vian-na do Castello, para onde fôra mandado trabalhar nas obras publicas, fugiu o vadio Virgilio Esteves, o «Virgilio», que novamente foi preso e enviado hontem ao tribunal.»

Ora isto, foi o bastante para dar origem a varios commentarios, caíndo todas as suspeitas cá no nosso Virgilio que, incapaz de muito mais, muito menos no que se refere a vadio.

Não ha duvida que, depois de bem meditado o assumpto, todos reconheceram não ser elle, o que era facil de vêr a quem não fosse cégo, jámais attendendo ao seu enorme corpanzil.

Pobre Virgilio! Ninguem está livre do *farramico*.

Lição de civilidade

Dizem os nossos estultos e avançados collegas (*in nomine*) do hebdomadario doutrinario «Verdade» por um triz, agora *radical* conforme sopra o vento, que as senhoras que não tiram o chapéu no cynematographo são das más feias.

Ora nós, sem querermos tomar a defeza das senhoras a quem indelicadamente elle chama feias, recommendamos aos muito lidos redactores do *engomado* semanario, os livros de civilidade e etiqueta de D. Beatriz Pinheiro, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, além de muitos outros cujos auctores desconhecemos.

Talvez que esta leitura influa, algo, no espirito e na decencia dos *modernos* jornalistas.

Palestras

Realisou-se, como estava annunciado, na sexta feira passada, no local onde se erguia o elegante *chalet-micáca* (hoje extincto pela acção dos enxurros), sendo muito concorrida por pessoas de todas as classes sociaes.

As galerias (obras) estavam repletas, sendo a decoraçáo d'um bello effeito surprehendente em que predominavam as aromaticas rosas... *naturaes*.

Nos camarotes (Terceiros) viam-se apenas algumas levandiscas e *pardaes*

além dos muitos que por lá andavam dispersos.

A imprensa do paiz estava largamente representada na illustre pessoa do sr. Vieira de Casto, muito digno correspondente de todos os jornaes do mundo e *arrojado* importador da via accelerada n'esta villa.

Foi conferente o abalisado provador de gesso ex.^{mo} sr. João Machado, ex-pensionista do Estado no Paiz dos Somalis e actualmente enviado especial de Muley Hafid, junto da Campanita.

Como, porém, n'esse dia os nossos reporters estivessem para banhos, e desejando nós informar os leitores de *O Sardão*, procuramos o sr. Casto, afim de nos fornecer a reportagem, por elle obtida, e que sua ex.^a nos affirmou positivamente ser a *anthétise* da referida palestra.

Devido á maxima complexidade dos dados que podémos adquirir e attendendo á diminuta falta de espaço com que luctamos, vamos passar a relatar sómente os pontos capitaes e, portanto, de grande interesse para quem padecer da calvice.

Seriam approximadamente 9 ³/₄ horas da noite quando o sr. Machado deu principio ao seu pyramidal discurso, escolhendo para thema o seguinte:—*Fruetos tropicaes bem sazoados.*

Após um pequeno intervalo, destinado do á mastigação d'uns restos encontrados no alforge, e de soboreada uma bolorenta *porisca*, sua ex.^a dá continuação á sua *inodora e insípida* palestra, pondo em evidencia os principaes caractéres ethnographicos dos pelles-vermelhas, seus usos e costumes.

A America, diz o orador, é riquissima em productos tropicaes, merecendo especial menção as alfarrobas, sem duvida, um dos mais ricos e mais bem explorados patrimonios coloniaes do globo.

E' d'uma fertilidade exuberante, principalmente em generos de 9.^a necessidade, como sementes oleoginosas, rangifers, salitre, macarrão, sanguesugas e fêno.

Na fauna ha especies caracteristicas e gigantescas, proprias das regiões centropolares, como o bacalhau garnisé, farinha de pau, etc., etc.

N'esta altura, como se apagassem de repente os candieiros e o luar estivesse amarello, o sr. Machado interrompeu o seu hemorrhoidal discurso, afim de obstar que os ouvintes soffressem alguma ranhadura nas biqueiras de polimento, promettendo conclui-lo na primeira manhã de nevoeiro depois do S. Pedro.

Gralhas

Sem que para isso tenhamos pago mais que o combinado, entenderam os typographos do nosso jornal—e muito bem—introduzir-lhe o grande melhoramento, que se tem visto, de por sua conta inventar, deturpar e reformar muitos dos nossos escriptos.

Dos nossos leitores não esperamos agradecimentos, antes os enviamos áquelles nossos *beneméritos* amigos.

Saude e fraternidade.

Grande revolução na litteratura portugueza

Soalheiro amoroso

Desde ha muito que os nossos sapientissimos leitores, não tenham apreciado talvez, um pratinho de meio tão saboroso, apesar de não estarmos na epoca dos tomates, como o que vamos apresentar, certos, porém, que terá cabimento ainda mesmo com o folle a arrebentar.

Ninguem, que tenha o olfacto desenvolvido e gosto apurado, poderá accusar-nos de pouca felicidade na escolha de tão precioso documento litterario, e que constitue um verdadeiro repertorio de palavras *ampóticas* importadas clandestinamente do hebraico, e para o que chamamos a particular attenção não só do sr. Candido de Figueiredo como de todos os auctores de dictionarios.

A carta, a cuja copia fiel damos publicidade, foi enviada por um esperançoso *risgador* de nova tempera, a uma dama barcellense e é do theor seguinte:

Ex.^{ma} Sr.^a

«V. Ex.^a é tão gentil tão enerecidavel e mesmo tão totilotavel que nem os heroes de aljubarrota serião capazes de a encontrar entre os esconvros do terrivel terremoto de 1640.

Venho com a sabida e inestafelacavel maneira de encatefar a ti Ex.^{ma} Sr.^a a romerada mição de entroquelar no coração destigenio e incafermidavel que V. Ex.^a tem dentro do furminante peito cheio de amôr revolador de lagrimas asperamente insufomitas.

Uma declaração de amôr tão simples como a que agora lhe envio com elefita certeza que á de ser bem arrecebida por V. Ex.^a que é inesperadamente formosa e linda como um asfirico cravo côr de roza.

Peço perdão d'esta gemetivel maneira de lhe dizer detionamente que a amo com toda a força dos meus substanciaes polos.»

Sempre de V. Ex.^a

C. F.

O fecho d'este florão d'asneiras é digno das mais fortes gargalhadas.

Como os leitores vêem, tornar-se-ia impossivel omitir qualquer periodo d'este primoroso todo, tal é a unidade e harmonia que existe entre elles.

Além d'isso, o que aqui ha de mais admiravel, é a magnitude de ideias, emoção de sentimento, vigor e arrojo de expressão.

E depois... não querem que *O Sardão* archive *preciosidades* d'este calibre.

Pena é, a palmatoria estar banidal...

Protesto

Eu, abaixo assignado, na qualidade de octogenario nas lides pharmaceuticas e unico especimen da gigantesca raça *pequenitatis* n'esta linda patria de Camões, venho, perante o ex.^{mo} presidente da commissão do recenseamento eleitoral, protestar contra a inscripção, como eleitor, do cidadão Zé Antonio, cuja profissão não é de estudante, mas sim *agiota e callicista de sparavões secos, em jacarés pantheistas.*

Além d'isso, segundo dados obtidos e que tenho em meu poder, o sobredito cidadão não se encontra em pleno gozo dos direitos civis, visto que, por sentença de 18 de outubro do anno de 1500, foi julgado interdito, como consta do respectivo processo archivado no cartorio do 10.^o officio do julgado de paz da freguezia de Midões.

Por isso, e tendo em vista o paragrapho 0 do artigo 606 da lei eleitoral, e attendendo a que não satisfaz a nenhuma das prescripções da pharmacoepia *anti-exclavagista*, rogo a V. Ex.^a elimine o seu nome afim de evitar confusões.

Viatodos, 17 de Dezembro de 1915.

Paes de Faria.

Hoge Ha sessão

Apesar da *guedes* falta do encarregado do funcionamento do aparelho das fitas, e de estar inutilisado temporariamente, devido a a um desastre n'uma das mandibulas posteriores do novel e agigantado machinista em chefe, teem sido surprehendentes as sessões cynematographicas promovidas pela sympathica «Empreza Barcellense».

Brevemente, se o tempo o permittir, continuar a haver luar e o Laranjinha tiver foguetes, se exhibirá a interessante pellicula da «Escrava Branca», que tem estado a tratamento na Praia das Maças.

Ninguem falte, pois, ao cynematographo, porque perder uma sessão é o mesmo que... não ir lá...

A'vante pois, barcellenses.

Philosophia d'arrocho

(N'uma palestrinha)

—Quereis saber o que é o homem quando nasce?

Consultae o João Severo!

—Quereis saborear uma chavena de delicioso *moka*, em quentes noites de luar?

Frequentae o *clertical* estabelecimento Brito.

—Quereis cochichos petroleiros e demais utensilios concernentes á arte?

Idé ao café 2 de Dezembro, sito á rua Garibaldi.

—Não quereis a comida salgada?

Não lhe deiteis sal.

—Quereis um bom cicerone para vizitar as *calacumbas* do Humberto?

Fallae com o *Homem do Lódo*.

Quereis saber por quem as posturas municipaes são *rigorosamente cumpridas*?

Fallae com os frequentadores do café do theatro.

—Quereis musicos são, fortes e interpretando as mais intrincadas operas?

Dae-lhes chá.